

Análise das propriedades psicométricas da Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) para homossexuais brasileiros(as)

Matheus Svóboda Caruzo¹, Emmy Uehara Pires² e Aleksandro Luiz de Andrade³

Resumo

A Teoria Triangular do Amor do psicólogo Robert Sternberg compreende e caracteriza os relacionamentos amorosos a partir de três componentes: paixão, intimidade e decisão/compromisso. Este artigo tem o objetivo de apresentar propriedades psicométricas da Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) para uma amostra de 1.380 pessoas homossexuais brasileiras (966 homens). Diferentes modelos foram testados a partir de análises exploratórias e confirmatórias e o modelo teórico original de três fatores apresentou os melhores índices de ajuste, embora a retenção fatorial e os índices de unidimensionalidade da medida tenham indicado a plausibilidade de um fator geral. As evidências apresentadas acrescentam à discussão em curso sobre a estrutura fatorial e teórica da medida e inserem os relacionamentos homoafetivos no campo de pesquisa do amor na psicologia científica de maneira mais robusta. Em geral, os resultados apresentaram similaridades com dados analisados em outros estudos com amostras de heterossexuais, permitindo ampliar o constructo teórico sobre o amor de Sternberg para pessoas homossexuais.

Palavras-chave: Relacionamentos homoafetivos; homossexualidade; psicometria; Teoria Triangular do Amor.

1 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. Email: psicaruzo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4319-5237>

2 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. Email: emmy.uehara@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3845-4839>

3 Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Espírito Santo - ES, Brasil. Email: alexsandro.deandrade@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4953-0363>

Analysis of the psychometric properties of the Reduced Triangular Love Scale (ETAS-R) for Brazilian homosexuals

Abstract

Robert Sternberg's Triangular Theory of Love understands and characterizes love relationships based on three components: decision/commitment, intimacy and passion. This article aims to present psychometric properties of the Reduced Triangular Love Scale (ETAS-R) for a sample of 1.380 Brazilian homosexuals (966 men). Different models were tested from exploratory and confirmatory analyzes and the original three-factor theoretical model showed the best fit indices, although the factor retention and the one-dimensionality indices of the measure indicated a general second-order factor. The evidence presented adds to the ongoing discussion about the factorial and theoretical structure of the measure and inserts homoaffective relationships in the field of love research in scientific psychology in a more robust way. In general, the results showed similarities with data analyzed in other studies with samples of heterosexuals, allowing the generalization of Sternberg's theoretical construct on love for homosexuals.

Keywords: Homoaffective relationships; homosexuality; psychometrics; Triangular Theory of Love.

INTRODUÇÃO

A Teoria Triangular do Amor de Robert Sternberg (1986, 1988) é um importante marco nos estudos do amor e dos relacionamentos amorosos sob a ótica científica. Na teoria, o amor pleno é definido como um conjunto de três componentes (Paixão + Intimidade + Decisão/Compromisso), representados pelos vértices de um triângulo e idealizadamente equivalentes em tamanho e proporção. Sternberg objetivava compreender e caracterizar os relacionamentos amorosos utilizando conceitos teóricos da psicometria de Spearman, Thomson e Thurstone (Sternberg, 1986).

Segundo a teoria, o fator Paixão é o que dá margens à atração física e sexual, sendo um componente fortemente associado ao fisiológico e integrado pelo romantismo e pelo sexo. A Intimidade se constitui pelo sentimento de conexão e proximidade no relacionamento, composta pelos subelementos abertura, afetividade, capacidade de apoiar e companhia silenciosa. Já Decisão/Compromisso se caracteriza pela certeza de amar e ser amado e o desejo de manter a relação a curto e longo prazo; diz respeito à capacidade de dar suporte, expressões do amor, fidelidade, expressões de compromisso e devoção (Cassepp-Borges & Pasquali, 2012; Sternberg, 2006).

O amor romântico pode ser definido pela junção dos componentes Intimidade e Paixão, como Romeu e Julieta: apesar da forte ligação, não vislumbra a possibi-

lidade de estabelecer o vértice do Decisão/Compromisso. O amor companheiro é a combinação das dimensões Intimidade e Decisão/Compromisso, o que mantém casais unidos mesmo após o declínio da atração física e sexual. Já as dimensões Paixão e Decisão em conjunto dão origem ao amor à primeira vista, ou amor fatal. Em um triângulo composto pelos três vértices se constitui o amor pleno (Sternberg, 1986, 2006). Os arranjos compostos por pelo menos dois vértices do triângulo constituem formas mais intensas de amar e cada sujeito possui o seu próprio triângulo em um relacionamento amoroso, assim como o triângulo de cada sujeito se modifica com o tempo.

Buscando sustentação empírica para a teoria, foi proposta e desenvolvida uma escala psicométrica abrangendo os componentes teóricos do triângulo de Sternberg (Sternberg, 1997). A Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) possui 45 itens, sendo 15 para cada um dos vértices. A construção da medida contou com dois estudos, ambos somando pouco menos que 200 adultos norte-americanos, igualmente divididos entre homens e mulheres heterossexuais. A análise fatorial indicou as três primeiras variáveis representando 57% da variância comum dos dados e a fidedignidade geral foi .95 (Sternberg, 1997).

Diversos estudos em diferentes contextos socioculturais apresentaram evidências de validade de conteúdo e validade baseada na estrutura interna para a ETAS, indicando a plausibilidade do modelo de três fatores a nível mundial (Cassepp-Borges & Pasquali, 2012; Sorokowski et al., 2021; Soyer & Gizir, 2021; Ventura-Léon et al., 2020). Contudo, via de regra os pesquisadores apontam problemas relacionados à análise fatorial, com itens saturados em fatores aos quais não pertencem teoricamente, gerando altas correlações entre os fatores.

Desde os primeiros estudos com a escala (Carreño & Serrano, 1995; Chojnacki & Walsh, 1990; Hendrick & Hendrick, 1986 ; Whitley, 1993), é questionado se os três fatores correlacionados não seriam melhor representados por um modelo de segunda ordem, em que o fator geral “Amor” explica a covariância das variáveis latentes (Paixão, Intimidade e Decisão/Compromisso), haja vista a alta correlação entre os fatores, variando de .69 a .81 (Graham & Christiansen, 2009; Merino & Privado, 2020). Em uma meta-análise, Graham e Christiansen (2009) propõem que, apesar do modelo tridimensional de Sternberg ser pertinente, a alta correlação entre os fatores sugere que eles podem não ser diferentes entre si. Recentemente, Merino e Privado (2020) compararam modelos fatoriais para a ETAS, indicando que a estrutura de segunda ordem apresentou propriedades mais satisfatórias, incluindo índices de ajuste e correlação entre os fatores.

No Brasil, a ETAS foi adaptada pela primeira vez por Hernandez (1999) e posteriormente por Cassepp-Borges e Theodoro (2007), Cassepp-Borges e Pasquali (2012) e Hernandez (2016). Tais pesquisas encontraram uma estrutura fatorial de

três fatores e índices de confiabilidade satisfatórios, mas demarcaram os mesmos problemas encontrados pelos demais pesquisadores, reconhecendo a provável existência de um fator geral. Para tentar solucionar alguns destes problemas, versões reduzidas (ETAS-R) foram validadas internacionalmente (Lemieux & Hale, 2000) e no Brasil (Andrade et al., 2013; Cassepp-Borges & Pasquali, 2014; Cassepp-Borges & Theodoro, 2007; Gouveia et al., 2009; Hernandez, 2016). Como idealizado, a redução da escala aumentou a qualidade da estrutura fatorial ao eliminar itens com cargas cruzadas. Ainda assim, as correlações entre os fatores continuaram altas, sobretudo entre Intimidade e Decisão/Compromisso, semelhante à escala completa. Quanto ao coeficiente alpha de Cronbach nos estudos internacionais da ETAS-R, Lemieux e Hale (2000) encontraram valores acima de .87 e Overbeck et al. (2007) acima de .80. No Brasil, Andrade et al. (2013) encontraram valores de alpha acima de .81, Cassepp-Borges e Pasquali (2014) acima de .88, Cassepp-Borges e Theodoro (2007) acima de .90, Gouveia et al. (2009) acima de .86 e Hernandez (2016) acima de .80, com dados promissores.

O relacionamento amoroso entre pessoas do mesmo sexo e/ou gênero é relatado desde as sociedades mais primitivas em todas as culturas, como a Grécia-Antiga (Corino, 2006), a África (Evans-Pritchard, 1970) e a China (Hinsch, 1990). Ao longo dos séculos, tais arranjos afetivos foram depositários de explicações baseadas nos paradigmas morais vigentes em cada período, positivos e negativos, sendo considerados por muito tempo como pecado e crime (Caruzo, 2020), outrora vistos sob uma ótica de promiscuidade e descompromisso (Lee, 1976; Peplau & Fingerhut, 2007; Toledo & Teixeira Filho, 2012).

De Oliveira Marques e Hernandez (2020) sublinham a necessidade de identificar adequadamente a variável latente de pesquisa em metodologias que tratem da sexualidade. Neste sentido, de acordo com o dicionário online da Associação de Psicologia Americana, a homossexualidade é uma orientação sexual e se caracteriza como uma duradoura atração emocional, romântica, sexual ou afetiva por indivíduos do mesmo sexo, sugerindo-se o uso do termo 'orientação sexual do mesmo sexo' (*'same-sex sexual orientation'*) (American Psychological Association, 2008). Contudo, definir a homossexualidade com foco apenas nos relacionamentos amorosos não sustenta a multiplicidade de variáveis que envolvem ser homossexual, que se expressam também por meio de pensamentos, fantasias, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e outros, envolvendo a noção de identidade (Troiden, 1989). Além do mais, é importante compreender que relacionamentos homoafetivos podem acontecer entre pessoas transgênero (Bento, 2012). Logo, o termo '*same-sex sexual orientation*' se mostra inadequado, não contemplando a relação homoafetiva entre um homem transgênero e um homem cisgênero, por exemplo.

Para refinar a semântica utilizada nesta pesquisa, o termo ‘homossexual’ (masculino e/ou feminino) é utilizado para descrever uma orientação complexa e dinâmica de sexualidade, e o termo jurídico ‘relacionamento homoafetivo’ para expandir a definição destas relações para além dos estigmas atrelados à promiscuidade e vulgaridade (Castanho França, 2020). Ainda, os termos sexo e gênero não são empregados como sinônimos. Sexo refere-se ao aspecto biológico (homem, mulher ou intersexo) e gênero à identificação social, separando-se nos termos guarda-chuva cisgênero (identificação com o gênero que lhe foi atribuído em relação ao sexo) e transgênero (divergência com o gênero atribuído em relação ao sexo) (Bento, 2012).

No Brasil, não há uma fonte que forneça dados sistemáticos sobre a prevalência de casais homoafetivos. Apesar de ser difícil estimar, conforme pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística há 10 anos, havia cerca de 60 mil casais constituídos por pessoas do mesmo gênero no Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2011). Devido à subnotificação, há uma grande probabilidade deste número já ser maior à época. Nos Estados Unidos, estima-se que há mais de um milhão de casais homoafetivos (Gates & Newport, 2015).

Pesquisas internacionais destacaram altas taxas de satisfação conjugal entre os casais homoafetivos, com robustas semelhanças entre homens e mulheres (Kurdek, 1991; Lafontaine et al., 2013). Nas pesquisas brasileiras sobre o amor com participantes homossexuais, há prevalência de estudos teóricos e adoção de métodos qualitativos, distribuídos em estudos sobre o casamento, a parentalidade, as políticas públicas e os aspectos culturais envolvidos (Nascimento et al., 2015). Na psicologia do amor (Hernandez et al., 2017), que utiliza primordialmente método quantitativo desde a década de 1970 (Rubin, 1970), foram singelos os esforços ao longo do tempo no sentido de incluir homossexuais nos estudos empíricos.

Em relação aos estudos psicométricos com a ETAS e a ETAS-R supracitados, a maioria contemplou amostras de heterossexuais. Alguns estudos com participantes homossexuais indicaram bom ajuste da estrutura de três fatores correlacionados, tendo resultados equivalentes aos estudos com heterossexuais (Bauermeister et al., 2011; Hernandez & Baylão, 2020). Neste sentido, este artigo tem como objetivo apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) em uma amostra brasileira de homossexuais masculinos e femininos, acrescentando à discussão sobre a estrutura fatorial da medida e ampliando o escopo de relações amorosas investigadas com base nesta teoria.

MÉTODO

Participantes

Participaram desta pesquisa 1.380 pessoas homossexuais brasileiras, sendo 966 do sexo masculino (69.9%) e 414 do sexo feminino (30%), com idades entre 18 e 68 anos ($M = 28.3$, $DP = 8.40$), recrutados através do método de amostragem não-probabilística por conveniência. Independente do sexo ou gênero, o critério para participação na pesquisa foi se autodeclarar homossexual (“sentir atração sexual, afetiva e/ou romântica por pessoas do mesmo gênero”). Considerações sobre este aspecto são feitas na seção de discussão.

A amostra foi amplamente heterogênea, como pode ser observado na Tabela 1. A maioria das regiões do Brasil foi representada com significativa robustez. Em relação aos estados, Rio de Janeiro ($n = 311$), São Paulo ($n = 289$) e Minas Gerais ($n = 162$) foram mais frequentes, em contraste com Roraima ($n = 1$), Acre ($n = 2$), Rondônia ($n = 4$) e Tocantins ($n = 5$), com poucos participantes contemplando a região Norte ($n = 63$). Os níveis de escolaridade variaram de ensino fundamental incompleto (5%) à pós-graduação (30%) e os participantes foram majoritariamente cisgêneros ($n = 1.294$), mas houve participantes transgêneros ($n = 28$) e identificados como gênero não-binário/outros ($n = 58$). Quanto ao estado civil, a maioria dos participantes não estava em um relacionamento ($n = 705$). Considerações sobre o estado civil e o efeito de idealização e/ou memória falsa ao responder aos itens foram feitas na seção de discussão

Tabela 1

Características sociodemográficas da amostra

		Estado Civil (%)			Total (%)
		Solteiro(a) $n = 705$ (51%)	Namorando $n = 376$ (27.2%)	Casado(a)/União Estável $n = 299$ (21.6%)	
Sexo	Masculino	545 (39.4%)	234 (16.9%)	187 (13.5%)	966 (70%)
	Feminino	160 (11.5%)	142 (10.2%)	112 (8.1%)	414 (30%)
	Cisgênero	653 (47.3%)	349 (25.2%)	292 (21.1%)	1294 (93.7%)
Gênero	Transgênero*	18 (1.3%)	7 (0.5%)	3 (0.2%)	28 (2%)
	Não-binário	34 (2.4%)	20 (1.4%)	4 (0.2%)	58 (4.2%)
Década de nascimento	1950-1959	1 (0.0%)	0	2 (0.1%)	3 (0.2%)
	1960-1969	17 (1.2%)	5 (0.3%)	11 (0.7%)	33 (2.3%)
	1970-1979	31 (2.2%)	15 (1%)	42 (3%)	88 (6.3%)
	1980-1989	138 (10%)	66 (4.7%)	116 (8.4%)	320 (23.1%)

Tabela 1 (Continuação)
Características sociodemográficas da amostra

		Estado Civil (%)			Total (%)
		Solteiro(a) n = 705 (51%)	Namorando n = 376 (27.2%)	Casado(a)/União Estável n = 299 (21.6%)	
Década de nascimento	1990-1999	380 (27.5%)	228 (16.5%)	125 (9%)	733 (53.1%)
	2000-2002	138 (10%)	62 (4.4%)	3 (0.2%)	203 (14.7%)
	Norte	32 (2.3%)	19 (1.3%)	12 (0.8%)	63 (4.5%)
	Nordeste	136 (9.8%)	76 (5.5%)	54 (3.9%)	266 (19.2%)
Região	Centro-Oeste	43 (3.1%)	35 (2.5%)	24 (1.7%)	102 (7.3%)
	Sudeste	411 (29.7%)	211 (15.2%)	167 (12.1%)	789 (57.1%)
	Sul	83 (6%)	35 (2.5%)	42 (3%)	160 (11.5%)
Raça/etnia	Branco(a)	374 (27.1%)	222 (16%)	178 (12.8%)	774 (56%)
	Preto(a)	113 (8.1%)	43 (3.1%)	33 (2.3%)	189 (13.6%)
	Pardo(a)	205 (14.8%)	101 (7.3%)	82 (5.9%)	388 (28.1%)
	Outra	13 (0.9%)	10 (0.7%)	6 (0.4%)	29 (2.1%)
	EFI	6 (0.4%)	2 (0.1%)	0	8 (0.5%)
	EFC	5 (0.3%)	0	0	5 (0.3%)
	EMI	33 (2.3%)	11 (0.7%)	2 (0.1%)	46 (3.3%)
	EMC	90 (6.5%)	45 (3.2%)	25 (1.8%)	160 (11.5%)
Escolaridade	ESI	255 (18.4%)	142 (10.2%)	55 (3.9%)	452 (32.7%)
	ESC	142 (10.2%)	85 (6.1%)	73 (5.2%)	300 (21.7%)
	Lato sensu	94 (6.8%)	51 (3.6%)	69 (5%)	214 (15.5%)
	Stricto sensu	74 (5.3%)	39 (2.8%)	66 (4.7%)	179 (12.9%)
	Phd	6 (0.4%)	1 (0.0%)	9 (0.6%)	16 (1.1%)

Notas. * = Transgênero ou transsexual; EFI = Ensino Fundamental incompleto; EFC = Ensino Fundamental completo; EMI = Ensino Médio incompleto; EMC = Ensino Médio Completo; ESI = Ensino Superior incompleto; ESC = Ensino Superior completo; Lato sensu = Pós-graduação lato sensu/especializações; Stricto sensu = Pós-graduação stricto sensu/mestrado ou doutorado; Phd = Pós-doutorado ou Phd.

Instrumentos

Foi aplicado um questionário elaborado pelos pesquisadores contendo dados sociodemográficos (sexo, gênero, escolaridade, profissão, região, etc.), dados relativos à vivência de experiências amorosas e dados relativos à vivência da homossexualidade, incluindo convívio familiar e vivência de preconceito e discriminação.

A Escala Triangular do Amor de Sternberg Reduzida (ETAS-R) (Andrade et al., 2013; Sternberg, 1997) também foi aplicada. Constituída de 16 itens, a escala avalia os componentes do amor com base na teoria de Sternberg. Os itens, como por exemplo “Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro(a)” (fator Intimidade), “Espero que meu amor por meu companheiro(a) dure pelo resto da

vida” (fator Decisão/Compromisso) e “Eu gosto muito do contato físico com meu companheiro(a)” (fator Paixão) foram respondidos segundo uma escala Likert de cinco pontos, em que 1 significava “Discordo fortemente”, 2 “Discordo moderadamente”, 3 “Nem concordo, nem discordo”, 4 “Concordo moderadamente” e 5 “Concordo fortemente”. Aos participantes em um relacionamento, orientou-se a imaginar o parceiro(a) para responder aos itens, enquanto recomendou-se aos solteiros que respondessem pensando no último relacionamento que vivenciaram. Seguindo as orientações de Andrade et al. (2013), a correção partiu do modelo: a) escore Compromisso: soma dos itens 1, 2, 3, 4, 5 e 6; b) escore Intimidade: soma dos itens 8, 9, 10, 11 e 12; e c) escore Paixão: soma dos itens 13, 14, 15, 16 e 17.

Procedimentos

O presente estudo recebeu parecer positivo na Plataforma Brasil, nº 4.084.090 (Comitê de Ética do IPUB/UFRJ). A coleta de dados foi realizada através do preenchimento de um questionário *online* (Google Forms) com tempo aproximado de duração de 20 minutos, entre os meses de novembro e dezembro de 2020.

Foram fornecidos os nomes, filiações e contatos dos pesquisadores, informações sobre o objetivo e a justificativa do estudo, o tempo de duração, os procedimentos, possíveis riscos e inconveniências e potenciais benefícios. Ainda, foi explicitado o asseguramentos dos direitos à garantia do uso dos dados coletados apenas para fins acadêmicos, anonimato e confidencialidade, direito à informação e direito à interrupção da participação a qualquer momento. Não foi solicitado ao participante identificações como nome ou documentos. Alguns participantes optaram por deixar o e-mail pessoal para receber o *feedback* da pesquisa a *posteriori*. Tais informações estavam contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A divulgação da pesquisa ocorreu primordialmente através das mídias digitais, incluindo grupos de pessoas homossexuais e grupos acadêmicos nas redes sociais, como Facebook, Instagram e Whatsapp. Além disso, houve divulgação através de contato com grupos de pesquisa de diversas universidades públicas e privadas do Brasil, caracterizando o método de amostragem não-probabilística por conveniência. Não foi realizado nenhum tipo de divulgação física devido à quarentena causada pela pandemia de COVID-19 em vigor durante os meses de coleta dos dados.

Análise de dados

O procedimento de análise de dados foi realizado com auxílio dos softwares Factor e JASP. Realizou-se Análise Fatorial Exploratória (AFE) utilizando o *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS, Asparouhov & Muthén, 2010). A decisão sobre o número de fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica

de Análise Paralela (AP) (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e do Método Hull (Lorenzo-Seva et al., 2011) e a rotação utilizada foi a *Robust Promin* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

Para corrigir desvios de normalidade e diferenças entre os tamanhos dos grupos, foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (1.000 re-amostragens; 95% IC BCa) (Haukoos & Lewis, 2005). A plausibilidade do modelo unidimensional foi avaliada a partir dos índices *Unidimensional Congruence* (UniCo) e *Mean of Item Residual Absolute Loadings* (MIREAL). Valores de UniCo > .95 e de MIREAL < 0.30 sugerem que os dados podem ser tratados essencialmente como unidimensionais (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice *H* (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Variando de 0 a 1, valores altos de *H* (> .80) sugerem uma variável latente bem definida, com maiores chances de replicabilidade. Os parâmetros de discriminação e os *thresholds* dos itens foram avaliados por meio de Teoria de Resposta ao Item (Reckase, 1985).

Foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC) com o objetivo de avaliar a plausibilidade dos modelos unidimensional, tridimensional e um modelo de segunda ordem no qual o fator geral “Amor” explica os três fatores subjacentes. As análises foram implementadas utilizando o método de estimação RDWLS, adequado para dados categóricos-ordinais (DiStefano & Morgan, 2014; Li, 2016).

Os índices de ajuste analisados foram: χ^2 ; χ^2/gf ; *Comparative Fit Index* (CFI); *Tucker-Lewis Index* (TLI); *Standardized Root Mean Residual* (SRMR); e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de χ^2 não devem ser significativos; a razão χ^2/gf deve ser \leq que 5 ou, preferencialmente, \leq que 3. Valores de CFI e TLI devem ser \geq que .90 e, preferencialmente acima de .95; e valores de RMSEA devem ser \leq que .08 ou, preferencialmente \leq que .06, com intervalo de confiança \leq .10 (Brown, 2006; 2015). Por fim, foram realizados cálculos de confiabilidade composta geral e dos fatores para cada modelo (Raykov, 1997).

RESULTADOS

Evidências de estrutura interna

Os testes de esfericidade de Bartlett (7458.1, $gf = 120$, $p < .000$) e KMO (.89) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. A AP (95% IC) reteve um fator. Para as três primeiras variáveis, as variâncias explicadas dos dados empíricos foram 49.34, 11.65 e 8.72 e para os dados aleatórios foram 14.58, 13.09 e 11.81, respectivamente. O método Hull, através do índice de ajuste *Robust CFI*, também sugeriu a extração de um fator. Além disso, os resultados dos índices de

avaliação de plausibilidade de uma estrutura unidimensional UniCo = .95 (95%IC [.95 - .97]) e MIREAL = 0.28 (95%IC [.26 - .30]) sugeriram que os dados poderiam ser tratados como unidimensionais.

Na AFE, os índices de ajuste do modelo unidimensional CFI = .93(95% IC [.91 - .95]) e TLI = .92 (95% IC [.90- .95]) foram acatados; já o RMSEA = .11 (95% IC [.09 - .12]) não foi plenamente adequado. Os dados apresentaram bons índices de replicabilidade (H-Latent e H-Observed), assim como de fidedignidade e confiabilidade composta (ver Tabela 2).

Tabela 2

*Estrutura fatorial da ETAS-R com matriz unifatorial na Análise Fatorial Exploratória**

Itens	Fator Geral
12- Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro(a).	.80
14- Eu gosto muito do contato físico com meu companheiro(a).	.80
5- Estou determinado a manter minha relação com meu companheiro(a).	.80
15- Eu acho meu companheiro(a) muito atraente.	.76
4- Estou seguro do meu amor por meu companheiro(a).	.72
10- Eu recebo muito apoio emocional de meu companheiro(a).	.67
11- Eu dou muito apoio emocional ao meu companheiro(a).	.67
17- Me pego pensando em meu companheiro(a) várias vezes durante o dia.	.64
8- Eu sinto que eu realmente entendo meu companheiro(a).	.62
13- Eu tenho fantasias com meu companheiro(a).	.61
6- Não deixaria que nada interferisse no meu compromisso com meu companheiro(a).	.60
9- Eu promovo ativamente o bem-estar de meu companheiro.	.57
3- Meu companheiro(a) pode contar comigo quando precisar.	.56
16- Só em olhar para meu companheiro(a), fico excitado(a).	.56
1- Espero que meu amor por meu companheiro(a) dure pelo resto da vida.	.56
2- Não deixaria nada atrapalhar meu compromisso com meu companheiro(a).	.50
Variância comum	47.10%
Confiabilidade Composta	.92
Ω	.91
α	.91
H-Latent	.93
H-Observed	.91

*As cargas fatoriais apresentadas referem-se ao 95% IC BCA: Ω : ômega de McDonalds; α : alfa de Cronbach

Os itens mais discriminativos do modelo de fator único foram os itens “Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro(a)” ($a = 1.35$) e “Eu gosto muito do contato físico com meu companheiro(a)” ($a = 1.35$), seguido do item “Estou determinado a manter minha relação com meu companheiro(a)” ($a = 1.33$). Em relação aos thresholds dos itens, não foi encontrado nenhum padrão inesperado

de resposta, ou seja, conforme cresceu a categoria de resposta da escala, cresceu também o nível de traço latente necessário para assegurá-la.

Realizou-se AFC para comparar os modelos unidimensional, tridimensional e um modelo de segunda ordem em que o fator geral (“Amor”) explica os três fatores subjacentes. Embora os resultados do χ^2 tenham sido estatisticamente significativos, esse é um índice sensível ao tamanho da amostra, raramente acatado. A razão χ^2 /gl de todos os modelos, por outro lado, foi satisfatória (< 3), sugerindo aplicabilidade. Os melhores índices de ajuste foram obtidos no modelo tridimensional, mas a correlação entre os fatores Decisão/Compromisso e Intimidade foi elevada (0.77), bem como entre os fatores Decisão/Compromisso e Paixão (0.60) e Intimidade e Paixão (0.60). A comparação entre os índices de ajuste dos diferentes modelos pode ser visualizada na Tabela 3.

Tabela 3

Índices de ajuste dos diferentes modelos testados na Análise Fatorial Confirmatória

	χ^2 (gl)	χ^2 /gl	CFI	TLI	SRMR	RMSEA [90% IC]
Modelo unidimensional	395.64 (104)	3.80	.95	.94	.08	.06 [.05 -.07]
Modelo tridimensional	148.01 (101)	1.46	.99	.99	.04	.02 [.01 - .03]
Modelo de segunda ordem	282.05 (101)	2.79	.98	.98	.04	.03 [.03 -.04]

Notas. χ^2 = qui-quadrado; gl = graus de liberdade.

Assim como o modelo tridimensional, o modelo de segunda ordem apresentou índices de ajuste adequados, bem como altas cargas fatoriais dos fatores subjacentes no fator geral (Paixão = .68; Intimidade = .84; Decisão/Compromisso = .86). Em relação ao fator geral (Amor), Paixão apresentou variância comum de 53%, Intimidade de 28.8% e Decisão/Compromisso de 25.5%. Quanto aos resíduos no modelo de segunda ordem, os índices ficaram na média de 50%. O modelo unifatorial deixou 62% da variância residual não explicada, enquanto o modelo tridimensional diminuiu este indicativo para 32%.

Os índices de fidedignidade do modelo unifatorial foram satisfatórios, com confiabilidade composta de .95, $\Omega = .917$ e $\alpha = .916$. O modelo tridimensional apresentou confiabilidades compostas de .86 para Paixão, .87 para Intimidade e .90 para Decisão/Compromisso. Por fim, apesar da sensibilidade do número de itens, o modelo de segunda ordem apresentou confiabilidade composta de .86, levando em consideração as cargas fatoriais das três variáveis de primeira ordem na variável geral.

DISCUSSÃO

Os objetivos desta pesquisa foram apresentar evidências de validade e fidedignidade para a Escala Triangular do Amor Reduzida (ETAS-R) em uma amostra brasileira de homossexuais, auxiliando a discussão sobre a estrutura fatorial mais adequada para a medida. Nesse sentido, duas seções de discussão foram redigidas.

Nesta pesquisa, a retenção dos fatores através da Análise Paralela e Método Hull indicou uma estrutura unifatorial para os dados, se diferenciando do modelo teórico de Sternberg (1986, 1997) de três fatores e se aproximando de pesquisas que indicam a pertinência de um constructo geral (Graham & Christiansen, 2009; Merino & Privado, 2020). No mesmo sentido, os índices de plausibilidade de unidimensionalidade da medida indicaram fortemente que os dados podem ser tratados como unidimensionais.

As correlações entre os fatores nos modelos trifatorial e de segunda ordem foram elevadas, variando de .60 a .90, sobretudo entre os fatores Decisão/Compromisso e Intimidade. Estes resultados são parecidos com os de outros estudos e os dos estudos originais, nos quais Decisão/Compromisso e Intimidade tiveram correlação na faixa de 0.90 (Sternberg, 2006). Gouveia et al. (2009) discutiram que o próprio Sternberg sugere a existência de um fator geral ao citar a fidedignidade dos dados gerais. Cassepp-Borges e Pasquali (2012) também discorrem que é esperado a sobrecarga de alguns itens em mais de um fator, uma vez que esses são altamente intercorrelacionados.

A AP e o Método Hull são alguns dos métodos de estimação mais robustos e ambos indicaram a plausibilidade da estrutura unifatorial. Apesar disso, a análise de covariância residual não explicada indicou que o modelo tridimensional teve os menores índices de resíduos, seguido do modelo de segunda ordem. O modelo unifatorial de primeira ordem obteve os índices de ajuste mais baixos, reforçando a ideia de que existem dimensões diferentes explicadas por um fator geral de segunda ordem. Além disso, de acordo com a Teoria de Resposta ao Item, três itens foram os mais discriminativos do modelo unifatorial, cada um deles derivado de um dos três componentes propostos por Sternberg. Portanto, Paixão, Intimidade e Decisão/Compromisso podem ser considerados os itens mais discriminativos do modelo unifatorial, determinando mais uma evidência da existência de um fator geral de segunda ordem.

Hatfield e Walster (1985) e Walster e Walster (1978) diferenciaram o amor-companheiro e o amor-apaixonado. As escalas de amor sugeridas por eles abarcam um modelo em que um fator geral (amor-apaixonado ou companheiro) explica três fatores subjacentes, representando o agrupamento de variáveis cognitivas, afetivas e motivacionais. Embora as análises estatísticas realizadas tenham indicado uma

estrutura unifatorial para cada tipo de amor, a estrutura de segunda ordem teorizada parece mais plausível também para o modelo fatorial da ETAS e ETAS-R, o que é corroborado pelos resultados do estudo de Hernandez (2016), que indicaram a mesma associação teórica.

Recentemente, Merino e Privado (2020) realizaram uma análise comparativa de modelos fatoriais para a ETAS semelhante à análise realizada neste estudo e sugeriram uma nova medida com uma estrutura fatorial de segunda ordem. No estudo, a estrutura de segunda ordem obteve os melhores índices de ajuste, seguida da unifatorial. Já o modelo trifatorial obteve os ajustes mais baixos. Nos nossos resultados, ao contrário, o modelo trifatorial obteve os melhores índices de ajuste, seguido do de segunda ordem. Ainda assim, os métodos de extração fatorial e as técnicas de análise da unidimensionalidade da medida indicaram a pertinência de um fator geral, em concordância com Merino e Privado (2020).

Sorokowski et al. (2021) analisaram as propriedades psicométricas da ETAS em 25 países, indicando o ajuste adequado do modelo de três fatores para a escala em uma amostra global. Nossos achados corroboram os resultados de Sorokowski et al. (2021), afirmando a plausibilidade dos três fatores propostos por Sternberg. Contudo, os resultados aqui esmiuçados indicam que há um fator geral de segunda ordem explicando a covariância entre os três fatores de primeira ordem. Os índices de confiabilidade e fidedignidade de todos os modelos testados foram satisfatórios, sobretudo o de fator único, dada a sensibilidade à quantidade de itens desta medida. Todos os índices foram iguais ou superiores aos dos estudos publicados até então com evidências de confiabilidade da ETAS-R (Andrade et al., 2013; Cassepp-Borges & Pasquali, 2014; Cassepp-Borges & Theodoro, 2007; Gouveia et al., 2009; Hernandez, 2016).

Além dos índices de confiabilidade terem sido semelhantes também aos da versão completa (Cassepp-Borges & Pasquali, 2012; Cassepp-Borges & Theodoro, 2007; Hernandez, 1999, 2016), a clássica questão das cargas saturadas em mais de um fator não apareceu nas soluções fatoriais esmiuçadas nesta pesquisa. Essa é uma evidência que indica a eficácia da versão reduzida utilizada na diminuição das cargas fatoriais cruzadas (Andrade et al., 2013). Ainda assim, Cassepp-Borges e Pasquali (2012) discutiram que é interessante manter a versão completa, para que não se perca a proximidade com a medida original e seus itens complexos omitidos na versão reduzida, bem como por ela ser mais precisa e consistente.

Neste estudo com a ETAS-R, a amostra não apresentou inconsistências com os dados coletados em estudos com amostras de heterossexuais e homossexuais (Graham & Christiansen, 2009). Por exemplo, Jia (2022) indicou que os componentes do amor nas relações homoafetivas se ajustam adequadamente à teoria de Sternberg

e são similares aos dados provenientes das pesquisas com pessoas heterossexuais, possibilitando a extensão da teoria às relações entre pessoas do mesmo gênero.

O único estudo brasileiro com participantes homossexuais utilizando a ETAS-R é o de Hernandez e Baylão (2020), que observaram os componentes do amor em suas relações com papéis sexuais e satisfação conjugal entre heterossexuais e homossexuais. Os resultados indicaram bons ajustes da medida tridimensional. Na regressão realizada, a combinação dos componentes Decisão/Compromisso e Intimidade foram os maiores preditores de satisfação conjugal entre os participantes, independente da orientação sexual.

Ainda, os autores fornecem um breve panorama das pesquisas internacionais do constructo teórico de Sternberg com homossexuais utilizando técnicas de regressão para compreender a associação dos componentes do amor com a satisfação conjugal. Por exemplo, Bauermeister et al. (2011) analisaram a validade fatorial de uma versão adaptada da ETAS em uma amostra de homossexuais, indicando a adequação da estrutura de três fatores, apesar de altas correlações e muitas cargas cruzadas. Observou-se a predominância dos componentes Decisão/Compromisso e Intimidade, deixando a Paixão excluída como preditor, assim como Hernandez e Baylão (2020), o que contradiz o estigma social sobre as relações homoafetivas serem promíscuas e, via de regra, sexuais (Paixão).

Dentre as pesquisas com homossexuais, ainda se observa alguns delineamentos e análises que lançam mão de metodologias comparativas das orientações sexuais de maneira acrítica (Lafontaine et al., 2013). É importante refletir sobre o poder corroborativo de tais pesquisas na segmentação das pessoas, potencialmente ratificando a concepção das orientações sexuais enquanto categorias em concorrência, ou como categorias intrinsecamente causais de um determinado desfecho (Nascimento et al., 2015). No caso de Hernandez e Baylão (2020), a AFC Multigrupo foi utilizada para corroborar justamente a invariância da medida entre homossexuais e heterossexuais. Os autores destacam que, a partir dos resultados discutidos, não é possível apoiar “argumentos para a negação de igualdade de acesso à vida conjugal baseados em suposições de diferenças no significado social e psicológico do amor romântico entre casais homossexuais e heterossexuais” (Hernandez & Baylão, 2020, p. 35).

Contudo, sabe-se que a repressão da sexualidade e da identidade e a vivência de preconceito podem configurar algumas características nos relacionamentos homoafetivos e predispor alguns tipos de estilos de amar entre os homossexuais (Lee, 1976). Estudos futuros que utilizem a orientação sexual como categoria de comparação de medidas de constructos psicológicos devem se atentar a possíveis variáveis de confusão. Caso haja diferenças entre os escores para além das diferenças naturalmente esperadas entre os indivíduos e as relações, uma minuciosa análise será necessária para constatar até que ponto o resultado diz respeito à identificação

homossexual *per se* ou aos efeitos dos percalços da vivência de relacionamentos amorosos homossexuais inseridos em um contexto específico e às inúmeras condições de desigualdade que muitas pessoas homossexuais ainda são submetidas.

Apesar deste estudo ter apresentado dados consistentes, uma série de limitações precisam ser pontuadas. A princípio, não houve a necessidade de o indivíduo estar em um relacionamento amoroso para participar. As respostas dos participantes solteiros, que idealizaram ou apenas se lembraram de como se relacionaram anteriormente para responder à pesquisa podem ser um problema para a confiabilidade. Outro aspecto a ser ressaltado é o caráter de autorrelato da pesquisa, bem como a falta de controle durante a coleta dos dados, que podem prejudicar a confiabilidade devido a fatores como desejabilidade social, desatenção ou desinteresse.

Além disso, realizou-se uma comparação entre os índices de ajuste de diferentes modelos fatoriais. Sabe-se que a observância de tais índices não é suficiente para se comparar modelos. Indica-se métodos *Bayesian Information Criterion* (BIC) ou o teste de diferença do χ^2 para tais análises comparativas mais apuradas, o que não foi feito neste estudo. Também, não foi realizada nenhuma análise de correlação ou regressão com outras medidas, como satisfação conjugal.

Essencialmente, a relação homoafetiva é constituída por duas pessoas do mesmo gênero, independente da orientação sexual. Contudo, este estudo teve como critério se declarar homossexual. Embora haja diferenças na vivência psicossocial da bissexualidade e da homossexualidade, sugere-se que futuramente não se faça a inclusão de participantes por orientação sexual e sim por vivência de relacionamento amoroso homossexual. Estudos porvindouros poderão investigar os componentes dos relacionamentos homoafetivos com amostras, também ou exclusivamente, de participantes com outras orientações sexuais. Além disso, o critério de autodeclaração utilizado para mensurar a homossexualidade do(a) participante é uma limitação. Literatura recente indica que medidas de comportamento sexual são melhores, aumentando a sensibilidade e precisão dos resultados (De Oliveira Marques & Hernandez, 2020). Embora contemple homens e mulheres, cisgêneros e transgêneros, esta pesquisa é recortada à homossexualidade.

Não foram utilizadas medidas de validade externa no delineamento deste estudo, como autoestima, personalidade (Soyer & Gizir, 2021) e satisfação conjugal (Yoo & Joo, 2022). Sugere-se que pesquisas futuras utilizem tais medidas. Ainda, a pesquisa utilizou a versão reduzida da ETAS. Apesar dos dados terem apresentado confiabilidade semelhante à versão completa e o problema de cargas cruzadas não ter surgido, a escala reduzida só contém itens considerados fáceis. O uso da versão completa poderá ser benéfico para uma análise mais minuciosa dos componentes do amor de Sternberg nos relacionamentos homoafetivos.

Por fim, deve-se pontuar que esta pesquisa foi realizada durante o período de pandemia causada pela COVID-19. Há uma probabilidade de o isolamento social ter influenciado a forma como as pessoas enxergam seus relacionamentos e seu jeito de amar, influenciando as respostas da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de apresentar evidências de validade e fidedignidade para a ETAS-R em uma amostra de pessoas homossexuais brasileiras. Até onde se sabe, este é o primeiro estudo nacional sobre a teoria e a medida de Sternberg com uma amostra robusta de participantes homossexuais. Houve participantes de todos os estados brasileiros, embora não haja informações suficientes para afirmar que todas as regiões foram bem representadas. Apesar de ser uma amostra por conveniência, houve uma grande diversidade social, demográfica e cultural. Em geral, os resultados semelhantes aos estudos com heterossexuais indicam que não há diferenças estruturais nos relacionamentos entre heterossexuais e homossexuais, com os componentes Paixão, Intimidade e Decisão/Compromisso bem ajustados em ambos.

A solução de três fatores correlacionados apresentou os melhores índices de ajuste na AFC, entretanto, ambos os métodos de extração utilizados na AFE (AP e Hull) indicaram a existência de um fator único, além dos índices de unidimensionalidade que foram acatados. Portanto, em consonância com estudos anteriores, sugere-se que a estrutura de segunda ordem, em que um fator geral (Amor) explica a covariância entre os três fatores propostos por Sternberg, foi a mais razoável como modelo fatorial para a ETAS-R neste estudo, com índices de ajuste e confiabilidade satisfatórios.

Futuras pesquisas com amostras de homossexuais poderão investigar os componentes do amor de Sternberg em associação com outras medidas, como satisfação no relacionamento, personalidade, estilos de apego, etc. Poderão também dar maior visibilidade às especificidades das relações amorosas entre pessoas não-cisgênero e avaliar os impactos da vivência de preconceito e discriminação nas atitudes em um relacionamento, bem como os mecanismos que casais homoafetivos utilizam para lidar com a discriminação e manter o relacionamento a longo-prazo. Ainda, estudos longitudinais poderão fornecer evidências de estabilidade e observar o curso de desenvolvimento dos relacionamentos homoafetivos.

REFERÊNCIAS

- American Psychological Association. (2008). *Understanding sexual orientation and homosexuality*. <https://www.apa.org/topics/lgbtq/orientation>
- Andrade, A. L. D., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da escala triangular do amor de Sternberg-reduzida. *Psico-USF*, 18(3), 501-510. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000300016>
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). *Simple second order chi-square correction: Technical appendix related to new features in Mplus*. Muthén & Muthén. https://www.statmodel.com/download/WLSMV_new_chi21.pdf
- Bauermeister, J. A., Johns, M. M., Pingel, E., Eisenberg, A., Santana, M. L., & Zimmerman, M. (2011). Measuring love: sexual minority male youths' ideal romantic characteristics. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 5(2), 102-121. <https://doi.org/10.1080/15538605.2011.574573>
- Bento, B. (2012). *O que é transexualidade* (2ª ed.). Brasiliense.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Guilford Press.
- Brown, T. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* (2ª ed.). Guilford Press.
- Carreño, M., & Serrano, G. (1995). Analisis de instrumentos para la medida del amor. *Revista de Psicología Social*, 10(2), 131-148. <https://doi.org/10.1174/021347495763810938>
- Caruzo, M. S. (2020). Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 31(2), 75-77. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v31i2.450>
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012). Estudo nacional dos atributos psicométricos da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Paidéia*, 22(51), 21-31. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100004>
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2014). A redução de itens como uma alternativa para a Escala Triangular do Amor. *Psicologia*, 28(2), 11-20. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v28i2.269>
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513-522. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300020>
- Castanho França, M. R. (2020). Famílias homoafetivas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 21–33. <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/80>
- Chojnacki, J. T., & Walsh, W. B. (1990). Reliability and concurrent validity of the Sternberg triangular love scale. *Psychological Reports*, 67(1), 219-224. <https://doi.org/10.2466/pr0.1990.67.1.219>
- Corino, L. C. P. (2006). Homoerotismo na Grécia antiga – Homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, 19(1), 19-24. <https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/249>
- De Oliveira Marques, A., & Hernandez, J. A. E. (2020). Subsídios teóricos para mensuração da sexualidade em pesquisas psicométricas. In D. B. Castilho (Org.), *Cultura e Sociedade* (pp. 253-264). Atena. <https://doi.org/10.22533/at.ed.010201402>
- DiStefano, C., Morgan, G. B. (2014). A comparison of diagonal weighted least squares robust estimation techniques for ordinal data. *Structural Equation Modeling*, 21(3), 425-438. <https://doi.org/10.1080/10705511.2014.915373>
- Evans-Pritchard, E. E. (1970). Sexual inversion among the Azande. *American Anthropologist*, 72(6), 1428-1434. <https://doi.org/10.1525/aa.1970.72.6.02a00170>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78(5), 762-780. <https://doi.org/10.1177/0013164417719308>

- Gates, G. J., & Newport, F. (2015). *An estimated 780,000 Americans in same-sex marriages*. Gallup Social Issues. <http://www.gallup.com/poll/182837/estimated-780-000-americans-sex-marriages.aspx>
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N. D., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: Evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia*, 14(1), 31-39. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2009000100005>
- Graham, J. M., & Christiansen, K. (2009). The reliability of romantic love: A reliability generalization meta-analysis. *Personal Relationships*, 16(1), 49-66. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2009.01209.x>
- Hatfield, E., & Walster, G. W. (1985). *A new look at love*. University Press of America.
- Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). Advanced statistics: Bootstrapping confidence intervals for statistics with “difficult” distributions. *Academic emergency medicine*, 12(4), 360-365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: Análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, 9(1), 15-26. https://www.researchgate.net/publication/306123234_Validacao_da_estrutura_da_Escala_Triangular_do_Amor_Analise_fatorial_confirmatoria
- Hernandez, J. A. E. (2016). Análise fatorial exploratória e hierárquica da Escala Triangular do Amor. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 11-20. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1501.02>
- Hernandez, J. A. E., & Baylão, V. L. D. A. (2020). Papéis sexuais, amor e satisfação conjugal em indivíduos heterossexuais e homossexuais. *Psico-USF*, 25(1), 27-38. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103>
- Hernandez, J. A. E., Plácido, M. G., de Araujo, A. L., & Neves, F. V. C. (2017). A Psicologia do amor: Vinte anos de estudos científicos nacionais. *Psicologia Argumento*, 32(2), 131-139. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20553>
- Hinsch, B. (1990). *Passions of the cut sleeve: The male homosexual tradition in China*. California University Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo contabiliza 60 mil casais gays: Metade mora no Sudeste*. <https://ibdfam.org.br/noticias/na-midia/4565/Censo+2010+contabiliza+mais+de+60+mil+casais+homossexuais>
- Jia, Y. (2022). Investigation and research on the love of contemporary Chinese homosexuals based on the “Love Triangle”. In *2021 International Conference on Social Development and Media Communication* (pp. 772-776). Atlantis Press. <https://doi.org/10.2991/assehr.k.220105.141>
- Kurdek, L. A. (1991). Correlates of relationship satisfaction in cohabiting gay and lesbian couples: Integration of contextual, investment, and problem-solving models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(6), 910. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.6.910>
- Lafontaine, M. F., Gabbay, N., Péloquin, K., Flesch, J. L., & Fitzpatrick, J. (2013). An overview of same-sex couples’ love lives. *Integrating Science & Practice*, 3(2), 18-21. <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.681.1794&rep=rep1&type=pdf>
- Lee, D. J. A. (1976). Forbidden colors of love: Patterns of gay love and gay liberation. *Journal of Homosexuality*, 1(4), 401-418. https://doi.org/10.1300/J082v01n04_04
- Lemieux, R., & Hale, J. L. (2000). Intimacy, passion, and commitment among married individuals: Further testing of the triangular theory of love. *Psychological Reports*, 87, 941-948. <https://doi.org/10.2466/pr0.2000.87.3.941>
- Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavioral Research Methods*, 48(3), 936-949. <https://doi.org/10.3758/s13428-015-0619-7>

- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019). Robust Promin: A method for diagonally weighted factor rotation. *Liberabit: Revista Peruana de Psicología*, 25(1), 99-106. <http://dx.doi.org/10.24265/liberabit.2019.v25n1.08>
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H. A. (2011). The Hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate behavioral research*, 46(2), 340-364. <https://doi.org/10.1080/00273171.2011.564527>
- Merino, M. D., & Privado, J. (2020). Is love triarchic or monarchical-hierarchical? A proposal of a general factor of love and a scale to measure it. *The Spanish Journal of Psychology*, 23(10). <https://doi.org/10.1017/SJP.2020.3>
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & dos Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Overbeek, G., Ha, T., Scholte, R., de Kemp, R., & Engels, R. C. (2007). Brief report: intimacy, passion, and commitment in romantic relationships – Validation of a ‘triangular love scale’ for adolescents. *Journal of Adolescence*, 30(3), 523-528. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.12.002>
- Peplau, L. A., & Fingerhut, A. W. (2007). The close relationships of lesbians and gay men. *Annual Review of Psychology*, 58(1), 405-424. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085701>
- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement*, 21(2), 173-184. <https://doi.org/10.1177/01466216970212006>
- Reckase, M. D. (1985). The difficulty of test items that measure more than one ability. *Applied Psychological Measurement*, 9(4), 401-412. <https://doi.org/10.1177/014662168500900409>
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265-73. <https://doi.org/10.1037/h0029841>
- Sorokowski, P., Sorokowska, A., Karwowski, M., Groyecka, A., Aavik, T., Akello, G., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Asao, K., Atama, C. S., Atamtürk Duyar, D., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., Boussena, M., Buss, D. M., Butovskaya, M., ... Sternberg, R. J. (2021). Universality of the Triangular Theory of Love: Adaptation and psychometric properties of the Triangular Love Scale in 25 countries. *Journal of Sex Research*, 58(1), 106–115. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1787318>
- Soyer, M., & Gizir, C. A. (2021). Triangular Love among young adults: The predictive role of basic personality traits and self-esteem. *International Journal of Eurasian Education and Culture*, 7(16), 474-486. <http://dx.doi.org/10.35826/ijoecc.556>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychology Review*, 93(2), 119-135. <https://psycnet.apa.org/buy/1986-21992-001>
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 19-138). Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27(3), 313-335. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199705\)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3%3C313::AID-EJSP824%3E3.0.CO;2-4)
- Sternberg, R. J. (2006). A duplex theory of love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The New Psychology of Love* (pp. 184-199). Yale University Press.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, 16(2), 209-220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>

- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2012). As lesbianidades entre o estigma da promiscuidade e da ilegitimidade sexual. *Temáticas*, 20(40), 67-103. <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11539/6747>
- Troiden, D. R. R. (1989). The formation of homosexual identities. *Journal of Homosexuality*, 17(1-2), 43-74. https://doi.org/10.1300/J082v17n01_02
- Ventura-León, J., Caycho-Rodríguez, T., Jara-Avalos, S., Yañez, J., Icochea, K., & Rodas, N. (2020). Evidence of validity and factorial invariance of the Sternberg Love Scale brief Spanish version. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 86-97. <https://doi.org/10.14718/acp.2020.23.2.5>
- Walster, E., & Walster, G. W. (1978). *A new look at love*. Addison-Wesley.
- Whitley, B. E. (1993). Reliability and aspects of the construct validity of Sternberg's Triangular Love Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10(3), 475-480. <https://doi.org/10.1177/0265407593103013>
- Yoo, G., & Joo, S. (2022). Love for a marriage story: The association between love and marital satisfaction in middle adulthood. *Journal of Child and Family Studies*, 31(6), 1570-1581. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-02055-6>